

# Aula 3

## NEOPLATONISMO E IDADE MÉDIA

### **META**

Entender o papel da escola de Plotino e divulgação do neoplatonismo na Idade Média.  
Compreender o que é o neoplatonismo na perspectiva da filosofia medieval

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:  
Identificar reverberações do neoplatonismo na edificação dos grandes sistemas filosóficos da Idade Média.  
Refletir acerca dos elementos da filosofia helenística presentes na filosofia Patrística, nos primeiros séculos da era cristã.

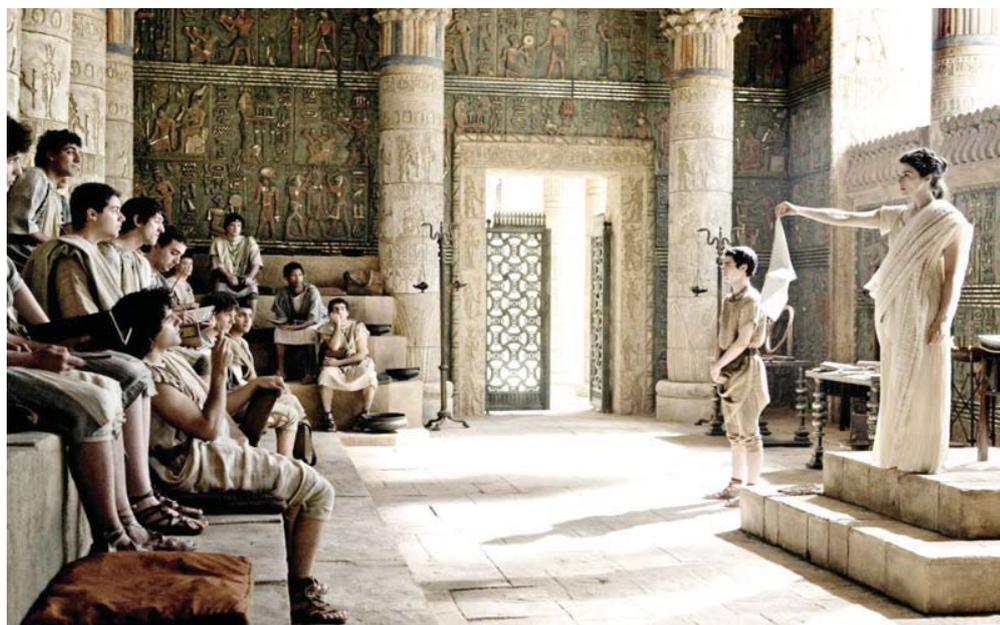
### **PRÉ – REQUISITOS**

Filosofia helenística II

**Nilo César Batista da Silva**

### INTRODUÇÃO

O Neoplatonismo, sem dúvida, foi um dos maiores sistemas filosóficos existente no apogeu da cultura helenística, seu brilho se deve ao esmero em sistematizar a exegese dos textos platônicos no âmbito da cultura tardo-antigo. Plotino se ocupou intensamente em fazer com profundidade a exegese da metafísica platônica. Tal fato de imensa grandeza só pode ser acompanhado de um alto grau de originalidade, embora o próprio filósofo não se considere um pensador inovador, mas um simples exegeta de Platão. De acordo com historiadores da filosofia, a escola neoplatônica, antes foi iniciativa de Amônio Sacas que fez parte do centro filosófico de Alexandria onde Plotino aprofundou-se no estudo da filosofia. Ao chegarem Alexandria em 232 d.C., o encontro com Amônio foi decisivo não somente para sua formação, como também para o destino da história da filosofia no Ocidente. Uma década depois Plotino funda sua escola neoplatônica em Roma, no ano 244 d.C., traçando o elo de contato entre o gnosticismo oriental e o helenismo. Torna-se relevante notar que as características de sua escola não se assemelhavam as anteriores, sobretudo aos gnósticos e apologistas da filosofia cristã, mas Plotino deteve suas atenções estritamente aos textos de Platão, em particular, a matéria que se refere a metafísica.



Hipátia de Alexandria  
(Fonte: <http://3.bp.blogspot.com>).

A escola de Alexandria influenciou de modo especial a interpretação bíblica dos Padres da Igreja. Alexandria se tornou um importante local de estudos, onde a religião judaica e filosofia grega (neoplatonismo e gnosticismo) se encontraram e exerceram influência uma sobre a outra. Alexandria é uma cidade cosmopolita, onde convivem várias culturas; a egípcia característica da região, a grega dos fundadores da cidade, a romana dos que haviam recentemente conquistado o Egito; e a cultura judaica da grande comunidade dos judeus que lá viviam.

A doutrina de Plotino atravessa a história da filosofia medieval e alcança a modernidade. O sentido autêntico e rigoroso de sua obra, *As Enéadas*, composta por cinquenta e quatro tratados deve ser compreendido à luz de seu projeto filosófico, o qual une originalidade e tradição do pensamento clássico, põe em evidência questão fundamental do *Parmênides* de Platão, o Uno-Múltiplo. De modo geral, Plotino pretende opor a um sistema filosófico cristão baseado numa mensagem salvífica, fundada numa verdade revelada, a um sistema teórico poderoso ancorado na tradição da racionalidade filosófica clássica. O pensamento de Plotino como qualquer leitor deve perceber é uma longa e minuciosa discussão sobre os limites da linguagem, sobre os meios para se atingir a contemplação do Uno.

### DIVERGÊNCIAS ENTRE PLOTINO E OS GNÓSTICOS.

Como vimos na aula anterior, a relação entre “filosofia cristã” e a filosofia pagã (grega) foi vista, há muito como um aspecto da interação mais ampla entre cristianismo e cultura greco-romana. Por outro lado, a rápida difusão do cristianismo e o aprofundamento da sua cultura mediante o contato com a civilização greco-romana do século II do período imperial foram observados com preocupação, entre outros, pelo filósofo Celso distinguido como o filósofo pagão.

### ACERCA DO FILÓSOFO CELSO – O PAGÃO.

A identidade de Celso é uma incerteza para os pesquisadores que se debruçam sobre o estudo de sua obra. Ela foi uma questão obscura até mesmo para o próprio Orígenes, que não soube afirmar exatamente de qual escola filosófica seu adversário fazia parte, nem mesmo em que época ele havia vivido precisamente. Orígenes tem informações

confusas acerca de Celso, diz somente que o filósofo pagão “morreu há muito tempo” (Orígenes, *Contra Celso*, Prefácio. 4), mas não sabe exatamente quem ele era. Ao descrevê-lo profere: “Eu ouvi dizer que há dois Celsos epicuristas, um do tempo de Nero, este do tempo de Adriano e mais tarde” (Orígenes, *Contra Celso*, 1. 8) e não sabe informar se trata do Celso “autor de vários livros contra a magia” (Orígenes, *Contra Celso*, I. 68). A obra de Celso é o primeiro texto anticristão de grande importância. No entanto, Celso ainda se apresenta como um autor obscuro, ou seja, os estudiosos não possuem nenhuma certeza acerca dos dados de sua vida: nascimento, data exata da confecção de sua obra, cidade onde nasceu e morreu, bem como onde morou e compôs seus escritos. Diante dessas lacunas, a nossa intenção aqui é tentar apreender em linhas gerais alguns dados sobre sua vida, além de evidenciar, também, as principais contribuições dos especialistas na tentativa de reconstrução da obra deste filósofo pagão. Celso escreveu sua obra anticristã provavelmente entre os anos 170 e 180, já em finais do período de governo de Marco Aurélio. Neste período, possivelmente, abundaram os panfletos, tanto os de origem pagã quanto cristã. No entanto, a *Palavra Verdadeira* não nos foi transmitida integralmente. Temos acesso a ela somente pelo texto do presbítero Orígenes, que em 248 confeccionou uma refutação denominada *Contra Celso*, com o intuito de dispersar as acusações contra o cristianismo e o judaísmo, empreendidas por Celso. Orígenes, ao refutar a obra do filósofo pagão, transcreveu sentença por sentença os argumentos de Celso, para depois contesta-lo. De tal modo, Orígenes reconstituiu, praticamente, toda a *Palavra Verdadeira* de Celso. SOARES, Caroline da Silva. *Vida e obra do filósofo pagão*, Celso.UFRN, Alétheia Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medieval – Volume 1/1,2013, p.01. Acessado em <http://incubadora.ufrn.br/index.php/aletheia>. 08/05/2015.

Vimos que a escola de Alexandria era ponto de convergência da cultura helenística no início do século III entre gnosticismo, cristianismo e judaísmo, resultando na ampliação do Império Romano. Devido a localização geográfica e a efervescência cultural da cidade a escola de Alexandria se tornou a ponte que ligava o Oriente ao Ocidente, proporcionando a difusão da filosofia helenística para o mundo latino.

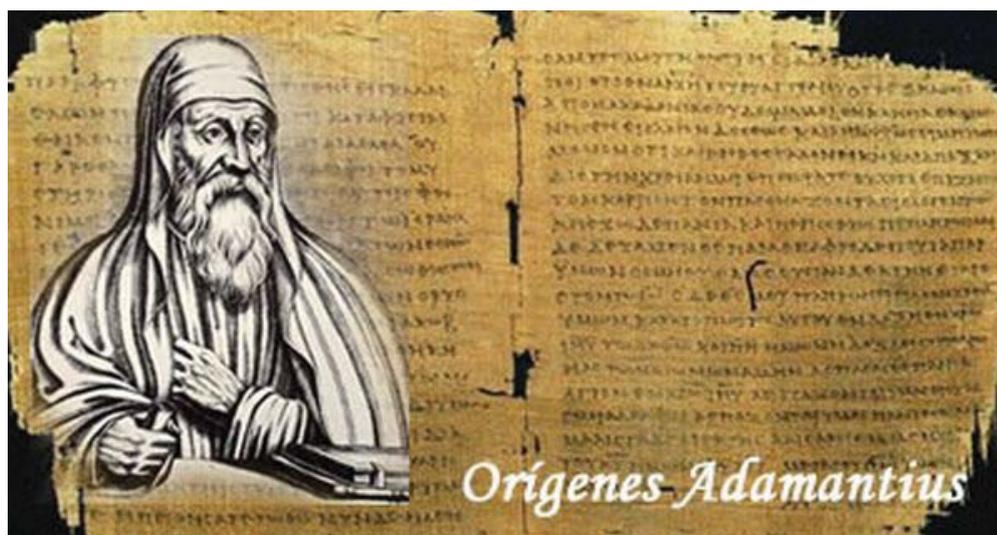
O aspecto místico do pensamento filosófico de Plotino foi visto por muitos estudiosos como influência da escola de Alexandria, isso para alguns estudiosos modernos desperta o interesse de investigar a possibilidade do contato de Plotino com a saberes oriental, embora seja considerada uma possibilidade remota, mas o certo é que está sendo amplamente redimensionada na modernidade. Autores como Giovanni Reale aposta que

Plotino despertou interesse em obter uma experiência direta da filosofia tal como praticada pelos persas e pelos povos hindus, mas, por diversas razões não conseguiu contato direto com aquelas fontes. De acordo com Giovane Reale “a noção de “*emanantismo*” referida frequentemente por Plotino parece que nada tem a ver com a noção oriental de *emanantismo*, tampouco relação com a doutrina da criação no cristianismo. De todo modo, Plotino tem formação no ambiente alexandrino largamente helenizado, até mesmo o espírito de uma filosofia mística foi alimentado de todas as correntes de pensamento que floresceram em Alexandria a partir do apogeu helenístico”. (Cf. REALE, Giovanni, 1994, p. 24).

Giovane Reale diz que a relação entre o gnosticismo e filosofia grega não é simples para dela dar explicação em poucas páginas a partir do momento em que a própria noção de gnosticismo se mostra complexa. Analogamente, também a delimitação do fenômeno gnóstico encontra problemas, a começar pela existência ou não de um gnosticismo pré-cristão. (Cf. REALE, Giovanniop. cit., p. 16). Apesar disso, podemos perceber alguma aproximação entre os gnósticos e o pensamento místico plotiniano, haja visto que Plotino concorre ao tipo de especulação filosófica assimilado pela via da contemplação que tende a fundir-se com o absoluto. Clemente de Alexandria insiste muitas vezes em afirmar que a gnose é algo oculto e que a ela somente poucos podem chegar. Para expressar o caráter oculto dessas doutrinas Clemente emprega em sua definição o termo “mistérios”. (Cf. Reale, op. cit., p. 24). Talvez Clemente tenha sido influenciado pelo caráter catequético da escola de Alexandria, embora as modalidades e as estruturas da escola de Alexandria antes de Orígenes são ainda bastante obscuras.

### CLEMENTE DE ALEXANDRIA

Provavelmente era de origem ateniense, nascido entre 140 e 150 da Era Cristã. Mesmo depois da conversão levou para sua vida cristã a formação filosófica que tinha recebido na sua terra natal. Ela lhe permitiu aproveitar do melhor modo os recursos culturais que lhe oferecia Alexandria, cuja importância, por ter sido grande metrópole, inclusive no plano cultural, lugar de encontro de religiões místicas, doutrinas filosóficas e especulações gnósticas, é de todos conhecida. O mestre de Alexandria adapta o seu propósito a um público embebido de cultura grega, tranquilizando, contemporaneamente, os cristãos a respeito da legitimidade de possuir um alto nível de educação. Uma importante novidade de Clemente, que o diferencia radicalmente de Irineu e de Tertuliano, é que ele não adere à visão tradicional de que a filosofia teria sido inspiradora dos heréticos.



Orígenes  
(Fonte: <https://gizmoFelix.files.wordpress.com>).

Orígenes nasceu provavelmente no ano de 185 em Alexandria no seio de uma família cristã. Estuda os filósofos gregos, viaja para Roma pelo desejo de conhecer a antiquíssima Igreja de Roma e para conhecer a tradição cristã. Um dos traços que aproximam Orígenes da mentalidade filosófica do seu tempo é o gosto pela sistematização. Isso pode ser confirmado na sua primeira grande obra, o Tratado sobre os *princípios* (220-230) tentativa genial, na opinião dos críticos, de dar uma explicação coerente da doutrina cristã. Esses princípios são: o amor de Deus e a liberdade humana. Outra obra polêmica de Orígenes é o *Contra Celso*, em resposta ao *Discurso verdadeiro contra os cristãos*, escrito por volta do ano 178, por filósofo Celso, chamado de Celso o pagão, talvez de origem egípcia, mas não se sabe muito bem de sua origem. Cf. FRANGIOTTI, Roque. Notas introdutórias de *Orígenes, Contra Celso*. São Paulo, Paulus, 2004, p. 12.

Como vimos na aula anterior parece difícil enquadrar numa clara definição um leque tão amplo de posições que em maior ou menor medida são entendidas como gnósticas. Por outro lado, parece-nos exorbitarem incluir no gnosticismo figuras como Orígenes e Plotino. Com efeito, a filosofia de Plotino foge dos parâmetros do ecletismo e de qualquer forma de sincretismo, porque no sistema plotiniano há uma inspiração nova que concede um sentido inédito à antiga doutrina, para conferir basta examinar diligentemente o conteúdo das *Eneadas*. Plotino pode ser apresentado rigorosamente como fundador da primeira forma autêntica e própria de metafísica transcendente, nesse sentido, precisamos estar conscientes do profundo hiato que separa a sua doutrina da doutrina de Platão. A inovação fundamental da especulação plotiniana, em relação à especulação filosófica mais recente e próxima dele, é a sua concepção de uma unidade suprema

e inefável situada na própria fonte do ser, mas tal que o ser não pode ser predicado, porquanto ele é a sua primeira consequência.

Pensando na originalidade do pensamento plotiniano fica embaraçoso qualquer forma de posicionamento da doutrina plotiniana no gnosticismo. De todo modo, o texto das *Eneadas* II, aponta para a definição das relações de Plotino com a *gnose* em contraposição polêmica. Naturalmente, Plotino obteve através do confronto dialético, maior clareza quanto às próprias posições, no entanto, devemos observar que os planos nos quais se movem os gnósticos e Plotino são divergentes e que os influxos positivos dos primeiros sobre o segundo foram indevidamente identificados por alguns estudiosos, tanto mais que não conhecemos com exatidão os gnósticos aos quais Plotino se refere. Geovane Reale faz um comentário em que define a posição de contraposição entre ambos:

“[...] os gnósticos e Plotino movem-se em mundos opostos de pensamento: a doutrina plotiniana é uma séria tentativa de resolver o antigo problema do Uno-Todo, ou seja, de pôr o Princípio supremo em relação com o Universo. Embora se possa usar a palavra *emanação*, para Plotino ela nada tem em comum com as *emanações* gnósticas, que constituem um dos poucos exemplos, no pensamento europeu, da curiosa aplicação da imaginação, no que ela tem de mais desregrado e irracional, aos problemas filosóficos e teológicos: trata-se da decadente transposição europeia do pensamento hindu, que denominamos *teosofia*”. (Cf. REALE, Giovanni. Op., cit., p. 25).

## A DOCTRINA DO UNO E SUA RELAÇÃO COM O UNIVERSO

Como vimos a originalidade e a novidade do pensamento de Plotino consiste na sua imensa contribuição dada, em particular, a metafísica de Platão, ou seja, a reformulação estrutural que realiza a partir da “segunda navegação”. Assimilando modelos platônicos, Plotino estrutura a realidade em três hipóstases, o *Uno*, o *Nous* e a alma.

**HIPÓSTASE.** Hypostasis. Com este termo Plotino denominou as três substâncias principais do mundo inteligível: o Uno, a Inteligência e a Alma (Eneadas., III, 4,1;V,1,10), que ele comparava, respectivamente, à luz, ao sol e à lua (Ibid., V, VI, 4). A transcrição latina desse substantivo é «substância», que, todavia, foi usada pela tradição filosófica com significado totalmente diferente (v. SUBSTÂNCIA). Nas discussões trinitárias dos primeiros séculos, esse termo foi preferido a pessoa, que, por significar propriamente máscara, parecia evocar a imagem de algo fictício. A partir dessas discussões, o substantivo «Hipóstase»

passou a designar a substância individual, a pessoa. Santo Tomás de Aquino diz: “Para alguns, a substância, na definição de pessoa, equivale a substância primeira, que é a Hipóstase; todavia, não é supérfluo acrescentar individual, uma vez que com as palavras Hipóstase ou substância primeira se exclui a relação entre o universal e a parte. De fato, não se diz que o conceito de homem ou a mão são Hipóstase.” Cf. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo, Martins Fontes, 2007, p. 500.

Podemos assinalar duas características que nos chama atenção no pensamento de Plotino, considerados desde um ponto de vista geral: seu caráter sintético e sua sistematicidade. Plotino não realiza apenas uma renovação das ideias do platonismo, mas uma recapitulação da filosofia grega. Embora a sistematicidade seja uma das características dos filósofos, Plotino observa a necessidade de dar conta do todo como unidade e sistema. A unidade é para Plotino expressão da perfeição, o fundamento último do ser, o que constitui sua realidade verdadeira, superior a toda determinação e a toda forma. Por isso, Plotino não identifica a unidade com o ser.

Com efeito, na doutrina plotiniana o Uno não permanece recolhido em si mesmo, mas consiste na fonte primordial de onde se deriva toda a pluralidade, por um modo de processão necessária e eterna. Plotino retoma a exegese já iniciada no *Parmênides* de Platão nessa obra o filósofo grego fez uma descoberta filosófica fundamental para a história da metafísica clássica; descobriu o Uno como superior a toda a multiplicidade e totalmente isolado dela. A este primeiro Uno sucedem-se outras formas de unidades secundárias, que podem definir-se como o Uno-múltiplo ou, a um nível ulterior.

Uma indagação ainda persiste em nossa mente: O que é o Uno? De acordo com Émile Brehier, a doutrina do Uno deu lugar as mais grandes divergências de interpretações, pois a pergunta sobre qual é a natureza exata do Uno parece que ainda não se esgotou diante da diversidade de respostas. Isso nos levar a pensar: Não será Plotino o autor de uma metafísica irracionalista no Ocidente ao afirmar que a inteligência não é o princípio último e que na raiz dos seres lhe escapa a toda determinação intelectual? “Plotino poderia considerar insolúvel o problema da construção racional e da realidade ao conceber o princípio radical como objeto de uma experiência *sui generis*, uma espécie de contato imediato e ininteligível muito distinto do conhecimento intelectual? Na verdade, admitir uma experiência com o absoluto que por sua natureza não é susceptível de nenhuma análise é admitir um dado opaco da inteligência”. (Cf. BREHIER, Émile:1953, p. 170. Tradução nossa).

Em primeiro momento precisamos reconhecer que na concepção de Plotino coexistem duas ordens de questões de fundo: o problema religioso relativo ao destino da alma no sentido de restaurar o seu estado primitivo de grandeza em participar da alma universal, contudo o desejo mais íntimo da alma humana é retornar a sua origem divina; e o problema filosófico relativo ao sistema, estrutura e explicação da realidade que não poderia ferir os princípios da antiga doutrina. Obviamente o sentido da noção do Uno plotiniano está em consonância com o racionalismo idealista platônico, desse modo, Plotino assimila amplamente o racionalismo platônico, mais do que propriamente o racionalismo estóico ou aristotélico.

Plotino parece partir da constatação de que cada coisa, para ser tal, ou seja, para ser uma coisa, determinada e individual, de certo modo, tem a unidade. Cada coisa tem uma relação constitutiva com o ser, pois participam de certa maneira da unidade, representa uma espécie de princípio de identificação e determinação ontológica. Todavia, das realidades mencionadas acima nenhuma é o Uno, mas todas possuem a unidade de maneira derivada. “A natureza do Uno é geradora de todas as coisas, razão porque não é nenhuma delas”.(Cf. *Enéadas*, V, 1, 9, 3) Sendo o Uno nenhuma das coisas, ele é transcendente a toda determinação e sem essência. Isso quer dizer que não se assemelha a nenhuma essência dos entes; ele é a essência *par excellence*.

Em *Enéada* III, 8, 10, Plotino na análise minuciosa da existênciado Uno escreve que ele é a potência de todas as coisas, sem o qual nada existiria, sendo a causa do intelecto, da vida e da multiplicidade. Leia-se o trecho da Linha 1-19 da *Enéada* III. 8 [30].

O que é ele, então? Potência de todas as coisas: se ela não existisse, nada existiria, nem seria o intelecto a vida primeira e universal. O que está além da vida é a causa da vida, pois a atividade da vida, sendo todas as coisas, não é a primeira, mas ela deflui, por assim dizer, como se de uma fonte. Pensa em uma fonte que não tem outro princípio e doou-se a todos rios, sem ter sido consumida por eles, mas permanece ela mesma em quietude, e os rios que dela defluem, antes que cada um corra por um rumo diferente, ainda estão todos juntos, embora cada um deles já saiba, de certo modo, aonde levará suas correntes; ou pensa ainda na vida que perpassa totalmente uma planta enorme, enquanto seu princípio permanece e não se dispersa por toda ela, pois está, digamos, assentado na raiz. Assim, apesar de ter dado à planta toda sua múltipla vida, ele permaneceu não sendo múltiplo, mas princípio da multiplicidade.

Nada espantoso. Ou antes é espantoso como a multiplicidade da vida provém do que não é multiplicidade, e não haveria multiplicidade, se não existisse antes da multiplicidade aquilo que não era multiplicidade. Pois o princípio não se divide no todo: dividido, destruiria também o todo, e ele nem mesmo nasceria, se seu princípio não permanecesse

em si mesmo, sendo diferente dele. Por isso também, há por toda parte a ascensão ao uno. E em cada coisa há um uno, a que ascenderás, e este universo ascenderá ao uno anterior a ele, não absolutamente uno, até que se chegue ao uno absoluto; mas este não mais ascenderá a outro.

Entretanto, se considerarmos o uno da planta – e este é seu princípio permanente – e o uno do animal, e o uno da alma, e o uno do universo, consideramos o que em cada um deles há de mais poderoso e precioso; mas, se consideramos o que em cada um deles há de mais poderoso e precioso; mas, se considerarmos o uno dos entes verdadeiros, seu princípio e fonte e poder, nos tornaremos incrédulos e suspeitaremos que ele seja o nada? Sim, ele é o nada que não é nenhuma dessas coisas de que é princípio, mas é tal que, de nada se podendo predicá-lo, nem ente, nem essência, nem vida, é o que está acima de tudo isso. E se o vislumbrares, abstraindo dele o ser, serás maravilhado. E lançando-te para ele e alcançando-o dentro de ti, serenando-te, trata de compreendê-lo melhor, concebendo-o por uma intuição e co-vislumbrando sua grandeza pelas coisas que existem após e por ele. Cf. Plotino, *Enéada* III, 8, 10. *Sobre a natureza, a contemplação e o Uno*. Introdução, tradução e notas de José Carlos Baracat Júnior, edição bilíngue. Campinas SP, Editora da Unicamp, 2008, p. 77-78.

O Uno é o fundamento da realidade, ponto de partida da emanção e meta última de conversão da alma. Unidade e simplicidade absolutas, anterior a tudo, além do ser e do pensar. Sua unidade não é uma unidade numérica nem tampouco uma unidade accidental, a simplicidade absoluta do Uno escapa a toda apreensão racional, porém, paradoxalmente, a afirmação da existência do Uno aparece para Plotino como uma exigência racional. Porque a multiplicidade requer uma unidade que a preceda e a justifique. A necessidade da existência do Uno se demonstra partindo da natureza imperfeita da inteligência: esta é dupla e requer necessariamente um princípio que não seja duplo, senão perfeitamente simples e requer um bem que a plenifique. A via racional da inteligência permite ascender a necessidade da existência do Uno. Porém, ela adverte que o Uno deve existir ainda que a razão não possa aprender como ele é, mas a razão nos impõe o que ele é. O Uno se manifesta à razão como fundamento que permite explicar a natureza dos seres derivados, da inteligência e do conhecimento intelectual.

O caráter supraontológico e suprarracional do Uno que é de fato inefável, obriga a referir-se a ele por via negativa: não podendo dizer o que é, dizemos o que ele não é, assim o fez Dionísio Pseudo-Areopagita, séculos mais tarde. Porém, ao dizer o que não é isto ou aquilo, estamos partindo sempre de isto ou daquilo ao dizer, para negar um atributo, partindo sempre das coisas que são inferiores à ele. Assim, falamos do

Uno negativamente, dizendo o que ele não é, e regressivamente, partindo da consideração do que dele é derivado.

O Uno é a Potência de todas as coisas, se ele não existisse, não existiria tampouco as coisas, nem sequer a inteligência, que é vida primeira e plena. A forma como Plotino se refere ao Uno negativo e restritivamente o caracteriza positivamente como *dynamis*. Por esta noção há de se entender que Plotino quando trata da força dinâmica e produtiva constitutiva do Uno, não se refere em sentido passivo, mas em sentido ativo como salientou as imagens das quais se vale Plotino em suas *Enéadas*. É preciso notar que o Uno é uma potência de todas as coisas sem que depois tornará em ato, senão seria uma força de produção de tudo o que lhe é posterior.

Da emanção do Uno provém o *Nous*. O problema da relação entre a inteligência e o Uno talvez seja uma das mais difíceis tarefas do pensamento de Plotino, fato que tem atraído muita atenção dos especialistas. Nenhum dos tratados, tomados independentemente, incluem toda e completa especulação concernente a este problema, porque Plotino aborda o problema da relação entre inteligência e o Uno a partir de diferentes perspectivas. A geração da inteligência pode ser compreendida como a natureza da realidade em seu curso de desenvolvimento. Desejoso de explicar as hipóstases, Plotino, uma vez mais, vale-se de comparações: “se o Uno é visto como a fonte primigênia da luz, o Intelecto, que vem após ele e que é inteiramente luminoso, pode ser comparado com o sol, e a Alma, que recebe a luz do Intelecto, é comparável à lua”. (Cf. Plotino, *Enéadas*, VI, 7 [38] 16, 24).

A raiz da metáfora encontra-se, obviamente, na República de Platão. Plotino atende sobretudo à analogia do bem com relação ao sol escrito no parágrafo 508b da *República*, cujo ideia de bem se diz como «absolutamente semelhante ao sol pela sua essência»; e também ao paralelo entre o bem e o conhecimento; a metáfora também tem como tarefa distinguir por um lado, a função da luz e por outro o papel da visão (Cf. *República* 507d 508e). Plotino atribui uma relevância metafísica a metáfora que na página platônica não possui, assim parafraseando a passagem da *República* *Enéadas* VI, 7 [38], 16, 24; «assim como o sol é a causa pela qual as coisas são geradas e vistas, sem que ele seja nem a coisa gerada nem a visão, assim também o bem é a causa da inteligência e do ser, a luz que corresponde aos objetos que a inteligência vê e à própria inteligência contemplativa». No tratado 49, Plotino em breve referência sobre as hipóstases inteligíveis (Cf. *Enéadas*, V, 3, 8, 24), escreve que toda a natureza inteligível é vista como luz: daí a comparação do bem com a fonte de que brota a natureza e a definição de inteligência como «luz primeira». Em outras passagens escreve que a luz é o próprio pensamento (Cf. *Enéadas*, VI, 7 [38], 41, 1 e ss.). Em analogia se refere também a verdade e a ciência, graus superiores do conhecimento, não são o bem, mas têm a forma do bem, modelam-se por ele, o qual, aliás, permanece para além deles e os transcende, não pensamento, mas objeto e referência última do pensamento.



### ATIVIDADES

Pesquisar texto sobre a analogia entre o sol e o Bem, em Platão, ARepública Livro VI. Ver texto disponível:

[http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao\\_A\\_Republica.pdf](http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao_A_Republica.pdf)

Ao conceber a inteligência como primeira derivação do Uno, Plotino a identifica com o ser e pensamento. Se o Uno, acima do ser, não tem partes, o ser, pelo contrário, mesmo na sua unidade, articula-se necessariamente em partes é, portanto, uma unidade articulada. A inteligência, ser por definição, é por excelência uma totalidade orgânica de partes, na medida em que se articula nos inteligíveis (Cf. *Eneadas*, VI, 2 [43], 21, 7 e ss.; III, 2 [47], 1, 29 e ss.).

Assim o pensar é atividade constitutiva e conatural a inteligência e, portanto, exige sempre dualidade e alteridade, exige multiplicidade. Com efeito Plotino descreve o nascimento da inteligência por meio de três movimentos dialéticos; o primeiro, movimento lógico, fora do espaço e do tempo, que é a processão, e transbordamento do indeterminado a partir do Uno, visto como a fonte que emana incessantemente e abundantemente no qual gera essência e ser; o segundo movimento é o da conversão contemplativa deste primeiro produto indeterminado feito do seu princípio. O terceiro é a auto constituição e a autodeterminação e do indeterminado como ser, inteligência e a totalidade das ideias. Isto é, o Uno, em virtude de sua perfeição, produz por transbordamento de si mesmo, algo que é diferente dele, seu produto se caracteriza em inteligência e ser. O produto imediato do Uno é informe, indeterminado, pura alteridade e alcança sua determinação por conversão à sua geração. A inteligência como segunda hipótese produzida pelo Uno representa, assim, a primeira alteridade, nela a unidade se dualiza em inteligência e inteligível, em sujeito e objeto de intelecção. Já não é uma, senão una-múltipla.

Ela permanece unida ao inteligível, que é seu objeto próprio do pensamento. Através de uma interpretação até mesmo forçosa poderemos afirmar que Plotino concilia a inteligência do primeiro motor aristotélico com um mundo platônico das formas, isto é, as ideias. A inteligência é pensamento que se pensa a si mesmo, e ao pensar-se pensa um mundo de formas e paradigmas. A inteligência é o primeiro pensamento, porém como inteligível é o ser, a inteligência também é o primeiro ser, e por estar animada por um perpétuo movimento espiritual, ela é também vida primeira. Ser, vida e pensamento são os três aspectos indissolivelmente unidos que caracterizam a natureza da segunda hipótese.

De acordo com Reale,  
“essa identificação ser e pensamento traz consigo uma radicalização da tese sustentada por Fílon de Alexandria, pelo medioplatonismo e pelos neopitagóricos, segundo a qual as Ideias são pensamento de Deus. Com efeito, no contexto plotiniano, as Ideias acabam sendo não somente, mas elas mesmas, pensamento, no sentido de que cada uma e todas as Ideias não somente estão no Espírito, mas elas mesmas são espíritos”. (Cf. REALE, Giovanni, op. cit., p. 65).

Conforme Plotino, o intelecto não é o intelecto de alguém, mas é universal, sendo universal, é intelecto de todas as coisas. A unidade do intelecto é maior que a unidade do corpo, maior que a unidade da natureza e maior também que a da alma. A unidade primordial é a origem de toda a multiplicidade, seja ela existencial ou numérica. Para Plotino, o intelecto além de identificar-se com o ser e a vida é também número. Leia o trecho das *Enéadas*, III, 8 [30] 9-10.

Tal é o intelecto: por isso não é o primeiro, mas deve existir o que está além dele, o primeiro que foi a razão das discussões prévias – porque a multiplicidade é posterior à unidade; e o intelecto é um número, porém o princípio do número, também desse tipo de número, é o que é realmente uno; o intelecto é dual, pois é intelecto e inteligível ao mesmo tempo. Se ele é dual, precisamos conceber o que existe antes da dualidade. Quê, então? Só intelecto? Mas a todo intelecto se conecta o inteligível; portanto, se é preciso que o inteligível não se conecte a ele, não será intelecto. Logo, se não será intelecto e se esquivará da dualidade, o anterior a essa dualidade deve estar além do intelecto. E o que o impede de ser ele mesmo o inteligível? É que o inteligível também se conecta ao intelecto. Se não intelecto nem inteligível, o que seria, então? Responderemos: aquilo de que vieram o intelecto e o inteligível com este. Então, que é isso e com que qualidade havemos de imaginá-lo? Ora, ele será algo ou inteligente ou ininteligente. Se inteligente, então é intelecto; se ininteligente, desconhecerá até a si mesmo: por que seria assim venerável? Pois, mesmo se dissermos que ele é o Bem ou a mais simples das coisas, não estaremos dizendo algo evidente e claro, ainda que seja a verdade, enquanto não conseguirmos algo que fundamente nosso raciocínio ao falarmos dele. E se o conhecimento de outras coisas acontece através do intelecto e somos capazes de conhecer o intelecto pelo intelecto, por que intuição imediata haveríamos de capturar isso que ultrapassa a natureza do intelecto? Diremos, a quem necessita da indicação de como isso é possível, que é pelo semelhante em nós. Porque há, em nós também, algo dele: na verdade, não há onde não

está, para os que podem participar dele. Pois o onipresente, onde quer que apliques tua capacidade de recebe-lo, daí o recebes: como se uma voz preenchesse o deserto ou, com o deserto, homens também, e tu, em qualquer lugar do deserto, direcionando teus ouvidos, captas a voz, toda ela e ainda não toda. Então, o que captamos aplicando o intelecto a ele? O intelecto necessita, por assim dizer, retornar para o que é anterior a ele e, como que tendo abandonado a si mesmo pelos que estão acima dele, ele que é ambissemblante, mesmo lá, se deseja vê-lo, não ser completamente intelecto. Ele é a primeira vida, uma atividade que é a difusão de todas as coisas: difusão não por estar-se difundindo, mas por ter-se difundido. Cf. Plotino, *Enéada* III, 8, [30] 9. Sobre a natureza, a contemplação e o Uno. Introdução, tradução e notas de José Carlos Baracat Júnior, edição bilíngue. Campinas SP, Editora da Unicamp, 2008, p. 73-75.

Do poder inexaurível do *Nous* gera outra realidade, a saber, a alma. A alma tem a função de organizar e governar o mundo sensível, dela procede todas as formas dos seres sensíveis. A alma está em relação com o intelecto assim como o intelecto está para o Uno e na base de tudo está sempre a contemplação. Logramos dizer que a alma é o Logos do intelecto ou seu esplendor. Constitui o último escalão do inteligível, e através dela se opera a passagem para o sensível. Embora de natureza plenamente inteligível, a alma é intermediária, isto é, a ponte entre o sensível e o inteligível.

A alma tem duas faces orientada para suas funções. O que não significa dizer que a natureza da alma para Plotino seja uma mistura de corpóreo e de incorpóreo. Plotino, a todo instante pretende refutar qualquer concepção, que de toda maneira ligue a natureza da alma à natureza do corpóreo. Por este modo, ele recusa totalmente a concepção extrema do estoicismo, assim como também a concepção pitagórica da alma como harmonia e até mesmo a noção aristotélica de alma como enteléquia, insistindo no caráter puramente imaterial, espiritual e transcendente do ser da alma.

A alma gera-se a partir da inteligência como uma razão e um objeto pensado (V, 1 [10], 6-7), como um pensamento que se destaca do seu gerador, para viver uma vida autônoma. A reflexão plotiniana sobre a natureza da alma tem sua explicação na metáfora da linha. A inteligência contempla os inteligíveis e reverbera a sua imagem na alma, comunicando-lhe assim o seu ser; a luz da inteligência irradia na alma, comunicando-lhe o ato da própria inteligência, a «primeira luz» em que consiste a própria inteligência e que tem na alma a sua extensão imediata.

De acordo com Plotino, o movimento da alma é duplo: por um lado, move em direção ao alto, por outro, para baixo de si mesma, para projetar uma imagem sua (Cf. *Eneadas*, III, 9 [13], 3). Devido à sua essência e à

função que desenvolve, ela é intermediária (Cf. *Eneadas* IV, 4 [28], 3, 11), composta e múltipla. A este propósito, são particularmente importantes dois diálogos platônicos para fundamentar esse movimento duplo da alma, o *Parmênides* e o *Timeu*. O *Parmênides*, onde (155e-157b) Platão levanta o problema da unidade como um problema que, de certo modo, consiste em não se tornar nem totalmente uno nem totalmente múltiplo, participante e ao mesmo tempo não participante do ser, entra aqui também o problema do tempo, na medida em que é um problema da realidade ambígua que é o instante, situada entre o movimento e o repouso, momento que faz parte do ser e é ao mesmo tempo intervalo, por conseguinte, fora do ser, basta examinar o *Parmênides* 156d e o *Timeu*, 35ae ss, onde a alma é composta por o divisível e o indivisível, pelo mesmo e por outro, realidade intermediária entre o simples e o complexo, dotada de uma composição específica que em outro passo (Cf. *República*. X, 611b) Platão definiu como «a mais bela».

## CONCLUSÃO

Assim como ocorre a hermenêutica de texto filosófico, também o de Plotino pode ser lido de diversas maneiras e ainda com diversos interesses, há portanto sempre uma nova possibilidade de leitura. Uma dessas maneiras, sem dúvida, frutífera e enriquecedora, consiste em encará-lo como leitor de seus predecessores e em especial de Platão. Plotino, como se sabe, foi um assíduo leitor de Platão, não só seu leitor, apesar dos seis séculos que dele separam, por sua vez, declara-se um herdeiro e fiel intérprete, um autêntico platônico. Por outro lado, o pensamento de Plotino deve ser considerado inovador ao ponto que apresenta sua própria doutrina caracterizada pela teoria das três hipóstases, o Uno, a Inteligência e a Alma, como uma exegese da filosofia precedente.

A exegese de Plotino não é somente uma simples releitura de Platão, mas é uma leitura heurística, fruto de um pensamento maduro e profundo. Com efeito, a escola de Plotino concebia a tarefa filosófica como uma empresa de exegese e estimavam que esse seria precisamente um meio para defender o verdadeiro pensamento de Platão. A exegese é a constitutiva de seu modo de filosofar, não apenas uma atitude ou método qualquer onde se adota livremente como complemento facultativo de sua exposição doutrinária, o que poderia significar apenas erudição. Com efeito, Plotino quer reviver fielmente a doutrina de Platão quando representa seu próprio pensamento, ao ler Platão não lhe interessa a estrutura e a unidade do diálogo, mas o que dele pode extrair para ampliar seu inovado pensamento.

Como dissemos é possível reconhecer na obra de Plotino a coexistência de duas ordens em questões: a propriamente filosófica e a outra que podemos chamar de mística ou de natureza religiosa. Na leitura das *Eneadas* permite advertir que Plotino quer que seus leitores

compreendam seu modo de conceber a estrutura da realidade, e a natureza íntima do homem. Ao longo das *Eneadas* é recorrente o tema da conversão da alma, que deve ser entendido como seu caminho de retorno ao princípio e origem.

Plotino dedica em seu tratado atenção relevante ao tema da alma. Na esteira desse tema compreendemos melhor Plotino nos passos onde afirma que a alma se denomina – princípio-razão, e projeta uma modalidade de si mesma na matéria amorfa, criando assim um universo visível. A alma é uma luz que nasce da mente divina, que brilha ao seu redor. É assim iluminada desde cima (por sua contemplação constante do princípio intelectual, e, por sua vez, emite a luz que recebe). Sempre iluminada, recebendo uma luz inesgotável, a alma do Todo dá à alma a série inteira do ser posterior. Mas esta alma sem mescla não recebe nada vindo de baixo, não está influenciada, alterada ou afetada de nenhuma forma. Permanece serena e feliz em sua própria atividade de contemplação. Plotino distingue entre o descenso da alma humana no “cárcere do corpo” e a presença da alma do Todo na matéria. A última se considera não tanto como uma caída, mas sim como um passo necessário para completar o reino intelectual.



### RESUMO

Plotino é, a rigor, a primeira mente grega que se atreve a pensar o mundo, sem dúvida sob a pressão das doutrinas cristãs, propriamente como produzido, e não simplesmente “fabricado” ou ordenado. O ser divino e o do mundo são, em última instância, idênticos. Daí o conceito de emanção, a forma concreta do panteísmo neoplatônico, que é, em suma, a tentativa de pensar a criação sem o nada. Esta é a reação característica da mente grega ante a ideia de criação, introduzida pelo pensamento judaico-cristão. No sistema plotiniano a alma ocupa uma posição intermediária. Plotino fala de uma alma do mundo, vivificadora do Todo e das almas individuais, que guardam um vestígio de sua unidade em seus princípios. Essas almas ocupam uma posição intermediária no mundo, entre o *Nous* e os corpos que informam. E o grau ínfimo do ser é a matéria, que é quase um não ser. O neoplatonismo foi cultivado ininterruptamente até o século VI, o final do mundo antigo. Sua influência penetrou no pensamento dos Padres da Igreja e posteriormente dos escolásticos medievais. Quando se fala das fontes platônicas dos primeiros séculos da Escolástica, deve-se entender que se trata primariamente de fontes neoplatônicas, que constitui um elemento excepcionalmente ativo em toda filosofia anterior.

Palavras Chaves: Plotino, Neoplatonismo, Idade Média



## ATIVIDADES

Responder as questões abaixo:

1. O Princípio último da realidade na metafísica de Aristóteles é a Ousía e para Plotino é o Uno que deve estar para além de tudo. Existe alguma relação conceitual entre a Ousía de Aristóteles e o Uno de Plotino? Justifique sua resposta.
2. A hipóstase do Nous consiste na primeira emanção do Uno, na qual Plotino pretende sintetizar a ordem do ser e do inteligível na metafísica platônica. De acordo com Plotino há um processo de retorno do Nous para contemplação do Uno, onde ocorre um processo de autorreflexão; o que teremos como resultado dessa contemplação?
3. Determinar as características essenciais e o papel fundamental da alma no sistema Plotiniano.
4. A matéria para Plotino é negativa ou positiva?



## PRÓXIMA AULA

O pensamento filosófico de Agostinho de Hipona

## REFERÊNCIAS

- PLOTINO, **Enéada III**, 8, [30] 9. **Sobre a natureza, a contemplação e o Uno**. Introdução, tradução e notas de José Carlos Baracat Júnior, edição bilíngue. Campinas SP, Editora da Unicamp, 2008.
- PLOTINO, Enéada II – a Organização do Cosmo. Introdução, Tradução e notas de João Lupi. Petrópolis RJ, Editora Vozes/Universitária São Francisco, 2010.
- REALI, Giovanni. **Plotino e neoplatonismo**. Tradução de Henrique Claudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo, Loyola, 2008.
- BREHIER, Émile, **La filosofia de Plotino**, Traducción de Lúcia Piossek Preisch. Buenos Aires, Editorial sudamericana, 1953.
- PARENTE, Margherita Isnardi. **Introdução a Plotino**. Tradução José Francisco Espadeiro Martins. Lisboa, edições 70, 2005.
- NARBONI, Jean-Marc. **A metafísica de Plotino**. São Paulo, Paulus, 2014.
- FRANGIOTTI, Roque. Notas introdutórias de **Orígenes, Contra Celso**. São Paulo, Paulus, 2004, p. 12.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Plotino um estudo das Enéadas**, 2ªed.  
Porto Alegre, EDIPUCRS, 2008.

Revista de Filosofia neoplatonismo e Idade Média.

[http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2002\\_07.pdf](http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2002_07.pdf)

<http://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/1495>

<http://www.kriterion.fafich.ufmg.br/>

Texto das Enéadas em idioma espanhol pdf

<http://bookzz.org/book/1176195/d7691d>

<http://bookzz.org/book/1165721/f6b8b0>